



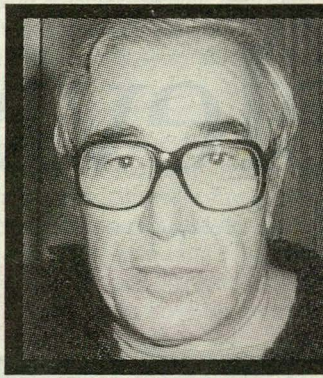
DON GABRIEL DE TODAS AS PRIMAVERAS

JOSÉ CARDOSO PIRES

Escondido algures em Londres, com fundamentalistas barbudos aos pinotes de raiva no telhado, Salman Rushdie, o das **Pátrias Imaginárias**, começava a descrição de Macondo, a fabulosa pátria de García Márquez, nestes termos:

«Há muito que suspeitávamos que o homem Gabriel era capaz de milagres, de tal modo que quando ocorreu o milagre das máquinas de impressão fizemos que sim com a cabeça; mas obviamente a percepção antecipada da magia daquele escritor não nos libertava do seu poder, e sob o feitiço dessa sedução nostálgica corremos para o local onde as enlouquecidas máquinas tipográficas produziam livros...»

... livros de escrita bruxa e salpicada de explosões visionárias, acrescento eu, por onde cavalgavam generais errantes, esqueletos incendiados e amantes assassinos. E assim, continuo ainda, o dito Gabriel, assinando-se por inteiro, descobriu uma América apócrifa e de alma a sangrar terrivelmente. Relatou-a com um humor que se torna sagrado ao percorrer a maldição e com aquele



Festejamo-lo agora como Alto Patriarca das letras do nosso século, alguém de caligrafia de ouro que contou a história do Novo Mundo pelo lado do coração

mistério tão só dele que é o de saber dar intemporalidade ao quotidiano de todas as horas. Festejamo-lo agora como Alto Patriarca das letras do nosso século, alguém de caligrafia de ouro que contou a história do Novo Mundo pelo lado do coração. Contou-a como quem vai de cavalgada, verso a verso, através dum *vallenato* do velho folclore colombiano e o mais assombroso é que no desenho

dum amor, duma lenda ou duma figura mítica projecta todo um continente de dimensões rigorosas. Tão rigorosas e tão factuais que, num golpe de génio, um recanto anónimo de miséria se elege em altar do Apocalipse e cai do céu um velho de asas corrompidas. Cai numa capoeira de aldeia no meio dum alvoroço de galinhas — é lá que García Márquez lhe faz o trono de enviado do mundo dos Maus Prenúncios. E esse mundo é o dos

conquistadores selvagens que há quatro séculos povoam a América Latina e do ouro barroco das catedrais do medo. O da cólera que só o amor consegue superar. O da solidão de milénios que um escritor, homem de solidão, tem interrogado durante toda uma vida universal.

Assim o saudamos. Como alguém que procura conhecer e conhecer-se no tempo que atravessamos e que, por isso, deixou em verso o seu auto-retrato mais confidencial:

Adivina adivinador
quien soy
de dónde vengo y para dónde voy
que yo mismo no sé
por qué te alumbram los ojos
com mi sabor
y se te aniega la boca
con mi rubor
ai no soy más que un huérfano
de padre y madre
como el corazón
que no quiere ser querido por hambre
sino *por amor*.